



A estética e a ética de lesbos é pelo contrário a da *horizontalidade*, porque nessa horizontalidade que se sucedem os intercâmbios pessoa-pessoa. Esse espaço amoroso devemos desenhá-lo, inventá-lo, temos que narrá-lo para que vá construindo um saber-amar-outro, para que vá acumulando-nos em sociedade de outra maneira, com outra ética e outra estética.

INCIDÊNCIAS LÉSBICAS OU O AMOR AO PRÓPRIO REFLEXO



MARGARITA PISANO

HERETIKA



EDITORA LESBICA INDEPENDENTE

Editorial sapatão radical, autônomo, autogerido e resistente. Disseminando pensamento lésbico-feminista, separatista, anti-racista, anti-capitalista, anarca e ecofeminista. Apostando na difusão de pensamento lésbico rebelde, disponibilizamos traduções e escritos originais desde autoras clássicas às novas pensadoras e escritoras em busca de um espaço de autopublicação coletiva e independente. Pelo resgate de nossa história, palavras, pensamento, literatura, simbólico e memória! Uma iniciativa sororária pelo fortalecimento de comunidades e redes lésbicas radicais, autônomas e anticapitalistas.

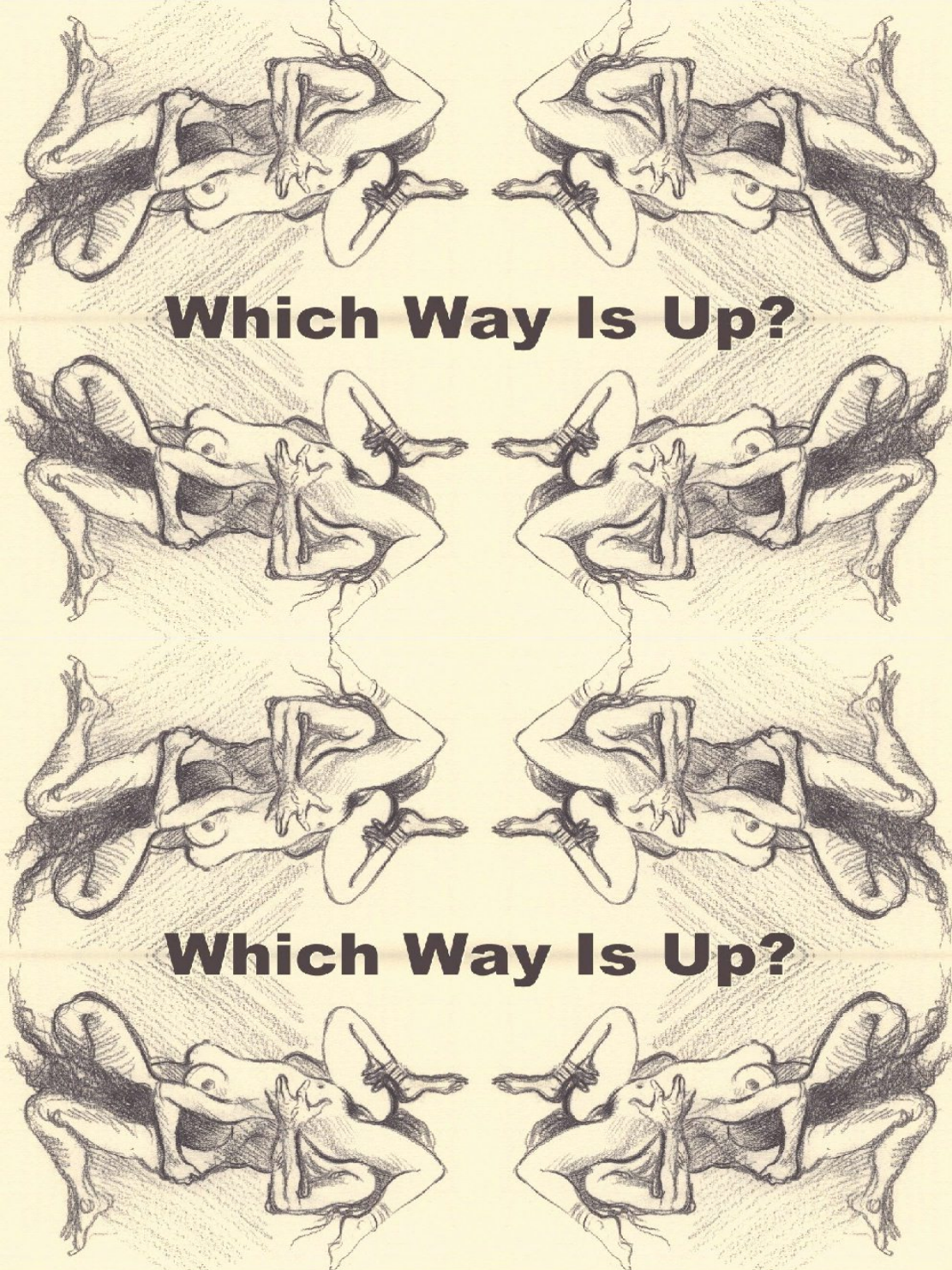
CONTATO

[**heretika@riseup.net**](mailto:heretika@riseup.net)

[**https://heresialesbica.noblogs.org**](https://heresialesbica.noblogs.org)

Sobre a autora...

Margarita Pisano, arquiteta, feminista crítica da cultura contemporânea, escritora chilena. Fundadora da “*Casa de la Mujer La Morada*”, Rádio *Tierra* e do Movimento Feminista Autônomo. Em 1995 publicou o livro “*Deseos de Cambio o... ¿El Cambio de los Deseos?*” (Desejo de Mudanças ou... Mudança dos Desejos?), Em 1996 publicou “*Un Cierta Desparpajo*” (Um certo Disparate). Seu terceiro livro, intitulado “*El Triunfo de la Masculinidad*” (O Triunfo da Masculinidade), foi editado em maio de 2001. E seu último livro, “*Julia, quiero que seas feliz*” (Júlia quero que você seja feliz), publicado em Outubro de 2004. Esteve realizando cursos, oficinas e dando conferências em Latino-América e Europa. Sua vasta experiência de trabalho com mulheres de diferentes setores sociais a levou a aprofundar-se sobre os desafios da sociedade contemporânea. Publicou artigos em revistas chilenas, latinoamericanas e européias.



Incidências lésbicas ou o Amor ao próprio reflexo

“Antes que existira ou pudesse existir qualquer classe de movimento feminista, existiam as lésbicas, mulheres que amavam a outras mulheres, que recusavam cumprir com o comportamento esperado delas, que recusavam definir-se em relação aos homens. Aquelas mulheres, nossas antepassadas, milenares, cujos nomes não conhecemos, foram torturadas e queimadas como bruxas.”

- Adrienne Rich

Tudo está se processando na história, e segue esse velho tema do amor, o Casal¹ e os limites

Nós mulheres viemos sustentando largas lutas externas e internas com nossas capacidades, de querer ser atuantes em nossos desejos, de nos entendermos mulher e entender-nos mulheres em coletivo. Nossos diálogos internos, fundamentalmente, têm sido de feminilidade à feminilidade, ou seja de construção patriarcal à construção patriarcal deste Dever-Ser sobre nossa pessoa e nosso corpo mulher.

¹ Em espanhol, *pareja* se refere a relação de a dois, nos textos de Pisano, a crítica ao *'parejismo'* se dirige aos relacionamentos de fusão, de se entender como “um” em uma relação, de fazer tudo junto, ter os mesmos planos, a mesma identidade, e toda ideologia romântica da ‘alma gêmea’, sua ‘metade’, a pessoa que te complementa e completa... Todas vezes que se referir a *'pareja'* e ‘Casal’ no texto, a autora se refere à essa ideologia do casal nascida na família e propriedade privada (N.T.)

A mulher como sujeito pensante e político permanece nas sombras. *O diálogo mulher/mulher é ainda pendente*, pois o diálogo que por hora existe, aquele que se tem memória, é o que se fez na história, é o feminino-feminina. Neste diálogo se prima pela *estrangeiridade* da mulher, é um diálogo "*do outro*", é o condicionamento ao amor patriarcal, nunca a legitimação entre mulheres como conjunto pensante, pois até mesmo dentro da construção do amatório² fomos separadas umas das outras. Enquanto isso os homens consolidam sua cultura legitimando-se, admirando-se e se amando entre eles.

Tivemos que, inteligentemente, nos declarar meio tontas para existir e permanecer no prado marcado e sinalizado da feminilidade, e isto tem mais transcendência do que à primeira vista parece: é uma luta por sobrevivência, sobrevivência que é a custa de nossa dimensão humana, pensante e atuante, é as custas deste diálogo mulher/mulher, sempre postergado em prol dos interesses práticos que se funcionalizam aos interesses da cultura vigente, e que jamais desde esse lugar serão geradores de outra cultura. *Pois os interesses das mulheres não têm nada a ver com os interesses da feminilidade*. Devemos ter claro que a feminilidade é uma construção *organizada dentro da masculinidade*, e em função desta.

Enquanto não formos capazes de interrogar o desenho do modelo que fizeram outros do nosso pensamento, de nossa forma de entender a vida e a transcendência, da nossa erótica, de nossas formas de erotizar-nos, enquanto não sejamos capazes de criar outros modelos, de abrir a atração entre mulheres, abrir a necessidade de entrar em diálogos corporais e erotizados com uma outra Igual, não nos

2 Aquilo que é relativo ao amor, por exemplo poesias de amor, é uma literatura amatória. Uma forma de não usar o substantivo "amor" de uma forma essencialista, visto que amor é uma construção social (N.T.).



We are experimenting with new ways of presenting ourselves to each other. The farther away we get from a patriarchal way of thinking, the uglier and uglier we will be to "them", and the more and more beautiful we will be to ourselves. o

"Estamos experimentando novas formas de apresentar nós mesmas umas as outras. Quão mais distanciadas nos encontramos de uma maneira patriarcal de pensar, mais e mais feia nos tornamos para 'eles', e o mais e mais belas somos para nós mesmas" - 'What The Well Dressed Dyke Will Wear,' Liza Cowan. 1974. DYKE, A Quarterly No. 1

amaremos a nós mesmas, não nos amaremos como mulheres e, fundamentalmente, não nos respeitaremos como gênero. Quando sejamos capazes de interrogar o desenho que outros fizeram de nós mesmas, começaremos a recém adentrar no mundo como sujeitas atuantes. Quando nos interrogamos, começamos a recém nos meter no mundo, começamos a recém romper a própria misoginia – consigo mesma e com as demais – antes disso, é um estar no mundo como convocada, convidada a um sistema que pensa por nós mesmas, que se erotiza com nossos corpos, não conosco, senão com essa estranheza sobre nosso corpo mulher que nos foi designado, sempre um pouco fora, fora do mundo, fora da cultura, fora da política e fora de nosso próprio corpo, por isso tão facilmente caímos nos processos esquizofrênicos desta cultura.

Me preocupam essas mulheres que se declaram profundamente heterossexuais, que divinizam o corpo masculino, mesmo que seja este mesmo corpo simbólico que adoram, aquele que as esteve submetendo à secundariedade como espécie, aquele mesmo corpo que as menospreza. Esta tremenda negação de si mesmas fez possível a permanência e onipotência da Masculinidade.

Esta outra memória velada de nós mesmas, que existe, que é parte de nossa história, é toda uma cultura subentendida na "feminilidade". Existe uma atração entre mulheres, justamente por toda esta "alheidade"³ a que fomos

3 A autora utiliza o conceito de 'ajenidad', que traduzi algumas vezes como "estranheiridade" ou criei esse termo "alheidade" que seria um neologismo a partir do espanhol respeitando o significado desse sentir-se alheia e estrangeira na Cultura Masculina. Também pode ser entendido como "outridade", o ser a Outra, não o Si-Mesma, quando a mulher encarna a feminilidade, se limita a ser uma projeção do homem. A autora muitas vezes remete ao termo "dissociação" sem utilizar este

submetidas, um desejo que poderíamos associar à paixão mais que ao amor, à solidariedade ou à amizade entre mulheres, este desejo de aprender /aprender-nos, de conhecer/nos, de descobrir/nos nos mobiliza para iniciar o trânsito de recuperação da nossa história.

Quem sabe neste lugar mesmo da paixão seja possível entender/nos e entender as coisas que nos passam como mulheres/entre mulheres. Desde a feminilidade construída é muito difícil entender essa paixão, pois que a memória está apagada e não se deixa circular, porque indiscutivelmente o sistema instala a feminilidade misógina, que propõe o ódio a nós mesmas, embora algumas vezes nos erotizemos desde/este espaço. Por isso quando nos erotizamos neste espaço tão pré-significado da feminilidade, ficamos estacionadas, não mudamos nada além do que corpo da erótica, o corpo do desejo.

Essa dimensão da paixão e sua memória dentro de nós existe, temos que encontrá-la e a significar no tempo, é preciso registrá-la e fazer ela sair do lugar do nada, já que o patriarcado tem uma preocupação especial de apagá-la, eliminando inclusive da memória de nossos próprios corpos porque ali radica sua vigência, esse gesto amnésico que constitui o poder patriarcal. É nossa responsabilidade portanto, nosso desafio, entender e construir esta dimensão do desejo/paixão/de conhecer/nos. E mais: poderia afirmar que toda mulher conserva essa outra memória/imemoriada, que sua forma de relacionar-se com outra mulher está transpassada por esse conteúdo. Nada poderia propôr-se desde o feminismo e, em especial, desde o feminismo radical, se não passasse por recuperar "esta outra história" de mulheres.

conceito, como se a vivência de ser mulher no Patriarcado através da feminilidade seja uma experiência de dissociação, de estar dividida e apartada de si mesma e de um corpo próprio, portanto desconectada e desenraizada de um verdadeiro self. (N.T.)

Margarita Pisano 16 de outubro de 1997

(texto retirado do livro "O triunfo da Masculinidade" da mesma autora)

Referências visuais:

Capa: "The Sinister Wisdom", Tee A. Corinne.

Conta-capa: artista Aleah Chapin.

No miolo:

Página 5 e 16, fotos de Tee A. Corinne.

Página 7, ilustração de Jan (instagram: @furiosaarte)

Página 8, ilustração de Tresa Souza.

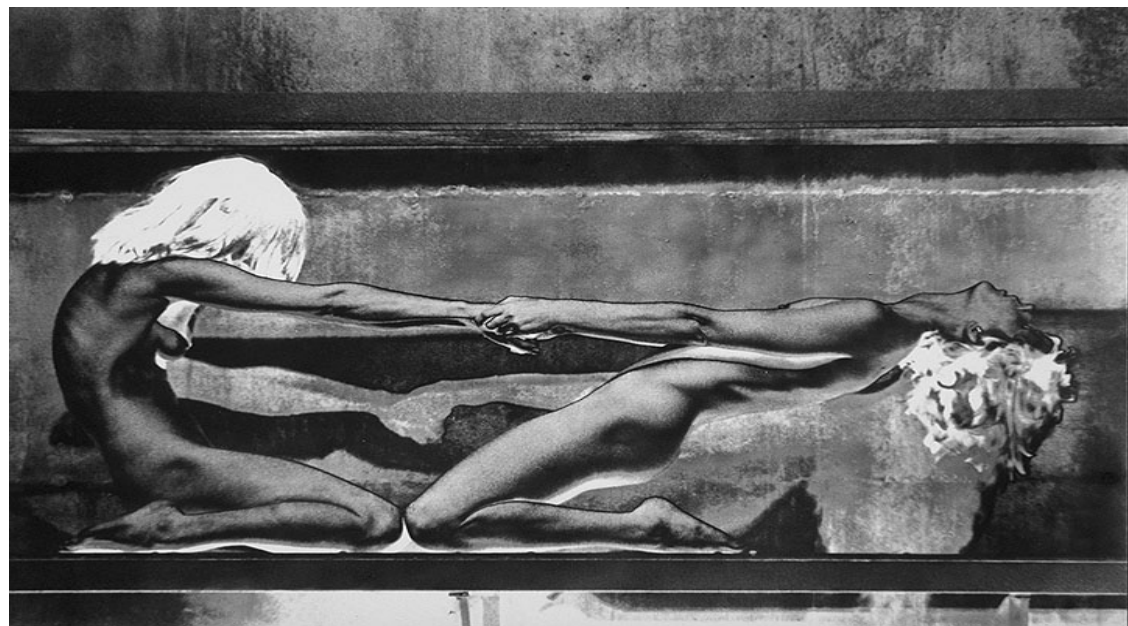
* O uso ao longo do texto de artes produzidas por lésbicas e mulheres se deve a tentar ilustrar ao longo do texto, o poder que a produção de nosso próprio simbólico e representações têm, ao tentar encontrar quem nós somos de fato no ato criativo, ao criar cultura lésbica e despatriarcalizar nossas formas de nos significarmos como propõe Pisano.

aderir-nos a qualquer análise ou proposta de mudança que não provenha de nós mesmas, recuperar nossas próprias reflexões, nossa própria história política, nossa bibliografia, tudo o que estiveram escrevendo e pensando as mulheres ao longo dos séculos, e nesta condição amnésica repetiremos uma e outra vez estratégias fracassadas. Acreditamos que com o acesso das mulheres à cultura, a modificaríamos, porém o que conseguimos foi apenas uma mudança superficial dos bons costumes modernos. Essa cilada nos capturou já demasiadas vezes. Não temos os mesmos interesses de outros grupos marginalizados, podemos fazer alianças circunstanciais, mas não deixar que nosso discurso seja tomado por outros, que se perca em outros.

Ao sentir-nos 'tão fora do sistema' nos acometem nostalgias de legitimidade, e essas nostalgias nos fazem perder-nos e traem nossa história, terminamos por querer estar no centro do mesmo do poder, quando o desafio político é não formar parte do sistema, nem colaborar com ele, nem nos funcionalizarmos para sustentá-lo. Isso passa por ter um lugar onde criar independência, um lugar de experimentação e de estudo, um lugar onde não nos sigam queimando em praças públicas. O mesmo sistema que há poucos anos nos queimava nas praça públicas de outra maneira, menos visível, nos segue queimando, nos segue perseguindo, nos segue reciclando.

Não basta ser mulher, não basta ser feminista, nem basta ser lésbica para esboçar uma cultura outra. É preciso se situar **Afora**, e conhecer até o último canto da masculinidade para poder dismantelar ela.

Há um limite ético e político com nós mesmas e nosso corpo; por isso, deixar as coisas como estão, já não é possível, não existe essa realidade para nós.



Em todo ser humano existe a potencialidade de atravessar os limites culturais estabelecidos da heterossexualidade, somente se aceitarmos essa potencialidade poderemos nos desfazer dos preconceitos contra as lésbicas e homossexuais e, me atrevera afirmar, que mais do de romper com preconceitos, ao assumir esta potencialidade não-estática da erótica, poderemos começar a recém limpar-nos da misoginia do sistema e este não é o mesmo exercício que executam os homens, nem mesmo os homens heterossexuais, pois eles sempre estiveram amando a si mesmos e armando misoginistamente, onde quer que estejam.

A amiga íntima e nossos pequenos incidentes lésbicos

As mulheres têm sempre uma amiga íntima, uma outra que nos contém (apoia), uma aliada e é com esta outra que se cruzam nossos pequenos incidentes lésbicos, que são imediatamente negados. Esta negação se enraiza na sensação de terror de descobrir-se pensando ou sentindo passar o limite do permitido na formação dos modelos de erótica e da ética/moral estabelecida. Paraliza-se ante a sanção iminente do sistema, se nega a si mesma, para não ser negada duas vezes pelo patriarcado: uma por ser mulher e a segunda por ser lésbica. Outras, não tantas, se recusam a cumprir com o comportamento esperado, são as minorias rebeldes que nos fazem valentes, são as que transitam e assumem o lesbianismo e aquelas que se abrem a compreendê-lo de verdade. Estas rompem o círculo sinistro da culpa e do medo que nos socializou. O medo ao lesbianismo é um dos medos mais importantes que já inventaram nesta sociedade, não é inocente, vem sendo um dos melhores desenhos imobilizadores para as mulheres.

Por isso, uma grande parte dos problemas que temos para fazer amizade entre mulheres passa por essa paixão/desejo de conhecer/nos, esta paixão não reconhecida, não historiada, não aceita mesmo nos níveis mais profundos de nossa consciência, e esse adestramento chega a profundidades insuspeitadas.

A paixão/desejo, ao ser negada e constantemente postergada, se traduz em rechaços, traições e ódios tremendos fora da razão e do tempo, pois que 'a outra' a deflagradora desta paixão/desejo sancionada, a *culpável*, é a idéia da Eva tentadora do mal, a que faz cair o homem, e que desta vez funciona para nós mulheres, a *nossa Eva*.

repensar a vigência do matrimônio, pois é uma instituição tão patriarcal como os exércitos. Temos que separar águas com quem quiser dar continuidade a um sistema injusto, arbitrário, racista, baseado na propriedade privada e na primazia do homem branco.

Um movimento lésbico-político-civilizatório, repensa todos os elementos que tramam o sistema e deste lugar desenha suas estratégias políticas. Não pode entregar sua reflexão a outros grupos marginalizados, pois a única coisa que as une a outros grupos marginalizados é somente o fato da marginalização. Não temos os mesmos interesses políticos que os ecologistas, que os gays, travestis – que são os que têm retomado e reinstalado o discurso da feminilidade – nem com os diferentes projetos dos partidos políticos, nem das igrejas, etc. Todas essas instituições estão construídas do mesmo modo, todas formam parte e sustentam a estrutura da masculinidade. Não podemos nos negar a ver que o sistema masculinista é um grande quebra-cabeça onde as peças que não se encaixam, que atentam contra a estrutura total, são eliminadas.

Sem pensar/nos e re-pensar o movimento lésbico político civilizatório, não poderemos desarticular o sistema, pois sem esse olhar de desmiuçamento crítico, não saberemos se não é desde dentro do próprio movimento lésbico que estamos traíndo nossas políticas e nossas potencialidades civilizatórias. Que custos há tido esse processamento de preces à maquinaria masculinista para que nos aceite e legitime? Estruturalmente é impossível, pois se nos legitima sem recuperar à nós, se desarma.

A análise da realidade desde a cultura vigente e suas propostas, é uma realidade que não existe para nós, é uma realidade onde nunca estivemos, nem estaremos, nem estamos, nem nos pertence como análise, não nos situa, nos coloca no lugar menos agraciado da estrutura, *por isso devemos revisar muito cuidadosamente a necessidade de*

homossexuais, não logrará armar uma proposta transformadora tão necessária e o que transforma a sociedade é uma visão crítica dos valores da masculinidade e suas instituições, e esta reflexão não a fazem os homens por razões óbvias, este é seu lugar de poder e identidade.

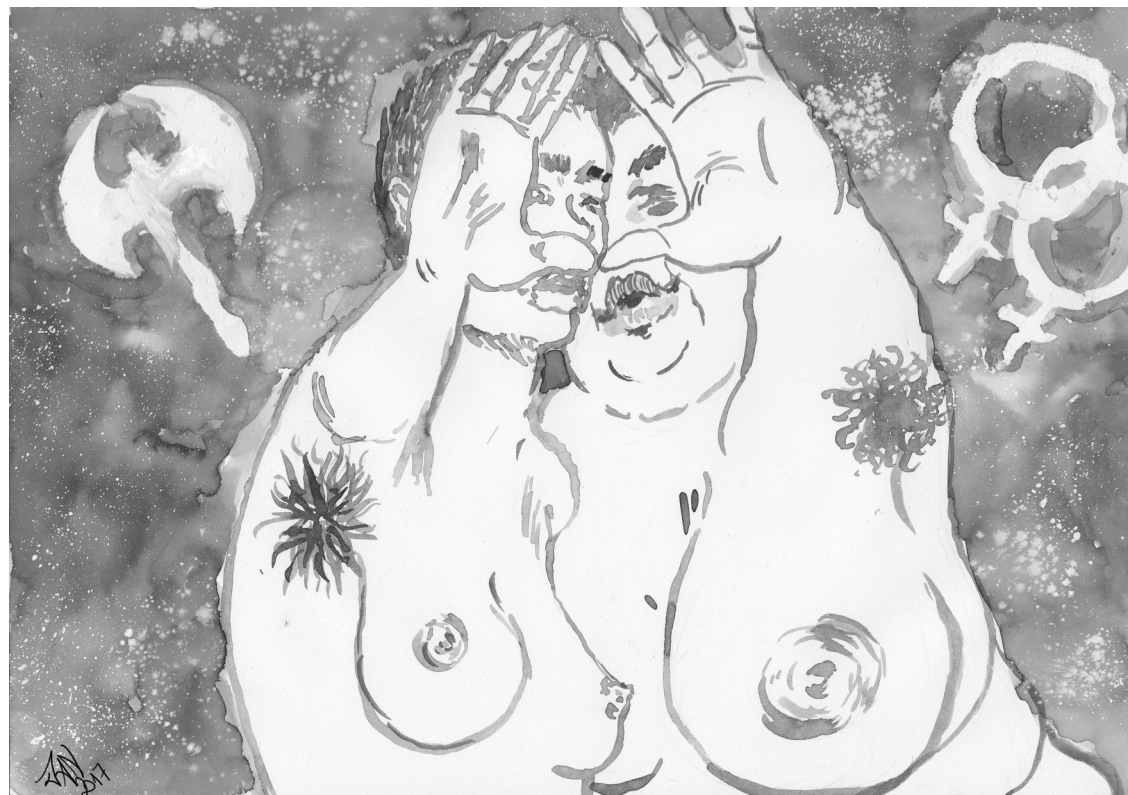
Somos Nós mesmas as que temos que...



Repensar nossas formas amorosas de nos relacionar, repensar nossas formas políticas de nos relacionar, religar elas, pois são políticas. Se como lésbicas queremos instalar-nos no Casal patriarcal, não estaremos mudando nada além do que o corpo de nosso desejo erótico, mudamos o corpo masculino pelo

feminino, mas com a mesma cenografia para montar o mesmo conto, não estamos propondo nenhuma mudança além do desejo de legitimação como grupo minoritário. Ao mesmo sistema que nos deslegitima o suplicamos que nos legitime, fazendo-o duplamente poderoso. E quando falamos de sistema estamos falando desde o núcleo familiar até as instituições, todos constituídos por seres de carne e osso. É aí que perdemos o rumo, aí onde perdemos o poder, *pois não pode existir uma modificação do sistema para nós, sem que isso implique um acomodamento de nós mesmas ao sistema*, por isso me surpreendo de ver que existam lesbianas que queiram casar-se ou que desejem ser parte do exército, mais para além do direito de igualdade e as vocações de cada uma, creio que é preciso

É, portanto, difícil construir uma amizade, que não esteja prejudicada e permeada por esta proibição misógina de amar-nos. Que memórias não recordadas arrastamos? Que histórias de sensações de ardores e perdições de nós mesmas traímos por nos gostar? Que mandatos a fim de nos odiarmos, sem sequer entender o que se passa? E mesmo com tudo isso, quão cômodas nos sentimos estando entre mulheres.



Lesbianismo / 'parejismo' / espelhismo

Como nos querer de outra maneira, diferentemente dos papéis, das inseguranças, das demandas de propriedade/fidelidade, sem o drama, o tango, sem o bolero, sem o segredo, sem deslealdades, sem nos trair constantemente? É nesse espaço amoroso de mulheres onde podemos reinventar outras formas e amor, este 'outro amor', essa suspeita de 'outra cultura', onde sejamos mulheres pensantes e não inventadas por outros, onde redesenhar outras formas de convivências entre seres humanas que não seja a do Casal do domínio.



Uma vez que o amatório é masculinista, *a construção do casal está patriarcalizada no domínio*, e o patriarcado está temperado com esta construção convencional do amor "parejil". Arma essa escassez de amor em um discurso do amor grande, único, de 'a dois', em casal e para sempre, que ao final mata os amores, a uns por culpa e a outros de tanto amor. Instala a dor, não o amor. É como a navalha de Robin Hood, que empunha a navalha do amor, do bom amor, do amor salvador que pouco a pouco se vai confundindo com a navalha de Jack o Estripador, e uma morre sempre de algum destas duas punhaladas, doem a mesma coisa e matam da mesma forma.

que há várias maneiras de entender o compromisso com outra pessoa, o sentir amor enquanto dure o sentimento, e este compromisso só pode ser o cuidar o mais que se possa deste sentimento, que uma vez que começa, também começa a desaparecer; como tudo na vida, tem um início, um tempo e um fim.

Sei que os sonhos, os amores e as liberdades que não se vivem, se morrem por dentro... te apodrecem, te matam pouco a pouco. Olha como está este mundo sem sonhos, sem amores, sem liberdades, morrendo.

Políticas Homossexuais

Devemos ter claro que a masculinidade empoderada empodera a todos os homens, também aos homossexuais, pois em todos os momentos da exaltação da masculinidade ao largo da história, estiveram aparecendo os grupos homossexuais masculinos mais ou menos legitimados em sua semi-penumbra do poder, e é fundamental desentranhar todos os espaços legitimados da semi-penumbra do poder. Não quero dizer que homossexuais homens não sejam perseguidos, mas sim gozam de certos benefícios de poder, do qual não gozamos nós. O empoderamento dos homens é tal, que incluso o discurso da feminilidade é tomado por travestis, transexuais e homossexuais, reinstalando a mais tópica e retrógrada das feminilidades, a mesma feminilidade que algumas de nós estamos combatendo.

A homossexualidade das mulheres têm a potencialidade de uma aproximação a uma mudança cultural mais profunda. Mas se esta se subsume ao movimento homossexual masculino, onde as políticas e o discurso estão definidos pelos homens masculinistas

dade erótica, amorosa e criativa, e sem esse outro se transformam em seres amputados. E isso que parecia pertencer ao mundo do amor, ao mundo privado, era na realidade do mundo concreto, da vida cotidiana que construímos até então como sociedade.

A quem estamos entregando o poder sobre nós? Quanto tempo na história estivemos respondendo à família, a que julga, mal/ama e finalmente nos instala em uma sociedade a sua imagem e semelhança? Como poder viver nossos amores e desamores, de tal maneira que sejam uma proposta de *respeito humano e liberdade* mais além das proteções e dos sacrifícios dos moldes de propriedade e fidelidade patriarcal?

O dia que tenhamos uma linguagem de narração própria da sexualidade das mulheres, própria da sexualidade lésbica – não a linguagem da negação que temos tido até agora, não a linguagem da sexualidade legitimada e profissionalizada, hoje tão na moda, resguardada constantemente em sacralidades – poderemos limpar este espaço cheio de tópicos, de romanticismos, e lograr que ele seja diferente.

O amor não é apenas um único na vida, não nasce de gerações espontâneas, existe um fiar de amores, como de colares, que se vão esgarçando no tempo. Cada um tem um sentido, cada um traz uma proposta, em cada um vai ficando um pendente, e todos estes pendentos, acumulados, reservados no tempo são os que aparecem reais e concretos no presente amor e este do presente vai a constituir, por sua vez, até o futuro, outro pendente... O amor não é um único, nem morre em um acidente na esquina, é um exercício constante de nossas vidas, aparece como aparecem os seres humanos – diferentes – , nos provocam novos desafios de entender-nos, novos desafios de redesenhar-nos e sanar-nos do “maltrato cultural”, de entender

A estética (‘beleza’) e construção do amor patriarcal estão simbolizadas na escrava/dominada, a mais bela de todas: a dominada. A que não ocupará o assento da rainha, a depositária do desejo que não é a metáfora da rainha, pois que a rainha é a mãe dos filhos, a continuadora da linhagem, a segunda (sempre) depois do rei, a guardiã de seus interesses, a custodiadora de seu poder e dos valores que o sustentam. Isto segue vigente, mesmo que pintem às rainhas e às escravas de todas as cores, de todas as modernidades. Portanto, devemos desconstruir a estética da escrava e ver que a submissão, o maltrato, a secundariedade como uma expressão de feiúra das relações humanas, assim como já não suportamos o maltrato físico, deveremos chegar também ao ponto de não suportar o maltrato cultural, que não mudou nada, apenas afinou essa visão estética de dominação, implicada e retorcida na “beleza” da feminilidade.

A estética e a ética de lesbos é pelo contrário a da *horizontalidade*, porque é nessa horizontalidade que se sucedem os intercâmbios pessoa-pessoa. Esse espaço amoroso devemos desenhá-lo, inventá-lo, temos que narrá-lo para

A estética e a ética de lesbos é pelo contrário a da horizontalidade, porque nessa horizontalidade que se sucedem os intercâmbios pessoa-pessoa.

que vá construindo um saber-amar outro, para que vá acumulando-nos em sociedade de outra maneira, com outra ética e outra estética. Devemos ter cuidado de não readequar a *pareja* (o Casal), acreditando que inventamos outro modelo, isso não seria mais que uma acomodação ao mesmo lodo patriarcal, embora a cultura vigente nos faça sentir que somos diferentes, que nossas construções de *casal/pareja* são únicas e diferentes, ao mesmo tempo que nos

submerge a todas em seus costumes e seus valores, fazendo que todas, de uma ou outra maneira, repitamos o mesmo molde.

Reinventar outro tipo de relação/amor leva a ter de repensar a nós mesmas, repensar nossas formas de relacionar-nos, repensar as estratégias "*parejis*" e isto tem uma regra – se é que podemos falar de regras – e é saber não enganar a nós mesmas, e quando falo de enganar, não falo de infidelidades nem fidelidades senão de não disfarçar nada, de não esconder nada, nem proteger-nos, nem proteger a outras. Isso tem uma dose grande de valentia, de riscos, de assumir-se sem proteções, próprias nem alheias. Contém a uma desbravadora, uma aventureira dentro, para quem nada é intocável, nada é inquestionável, nada é sagrado. Esse gesto dessacralizador tem um objetivo claro e profundo de fazer-se a si mesma expressada, livre e mais humana... e isto não deve ser confundido com fazer-se mais 'boa', porque geralmente é o contrário, já que o "bonismo" amortece, tudo esconde, tudo nega. O "bonismo" se arma desde o sacrifício e a hipocrisia do romanticismo, se aninha na autoflagelação... A essas alturas do conto, muitas já sabemos o difícil e doloroso que é... não contar finalmente o conto... quando tem-se mais outro conto.

Se não reestruturamos, re-alimentamos, re-desenhamos, re-humanizamos e repensamos o espaço lésbico, terminamos caindo na exaltação patriarcal do *romântico amoroso sentimental* onde acreditamos estar livres da traição dos homens, exaltando a feminilidade-feminilidade: o amor sem limites dentro da irracionalidade; o amor sentimental, sacrificado, bom, inquestionável, maternal, sagrado, o amor em si mesmo como contido de honestidade, de interesses comuns. Este amor que não se pensa, como se não tivesse uma pessoa responsável por trás, com seus valo-

Por outro lado, ao sairmos deste amor reprodutivo e de domínio, tomamos o discurso do romântico amoroso sentimental. O homem que é o infiel por natureza, já não está, não é requerido, nem essencial no jogo amoroso, no entanto, se nos juntamos duas mulheres que somos "a fiéis por natureza", as que "sim sabem amar", "as que amamos sem limites"⁵, traduzimos essas fidelidades em enclausuramentos, as depositamos ao sistema, nos sistematizamos, "nos ordenamos" em casal, nos perdemos como pessoas individuais, nos simbiotizamos com a outra em um gesto siamésico, deixando todas as alternativas de liberdade, de amor, de vida, de eros, enclausuradas, pois o casal é uma construção cultural criada pelos homens em prol de suas seguranças e acomodações sociais. É a redução minimizada do poder, *é um dos lugares de expressão do poder mais direto*, por isso está sempre em crises e, embora nos empenhemos em esconder dita crise, a cada certo tempo voltará a aparecer no horizonte, alucinada com outros eros, outros despertares corporais, outros desejos de liberdade.

O Casal já significado faz as pessoas perderem não somente o amor, senão também o desejo de aventura, de aventurar-se em outros seres, de aventurar-se a inventar novas sociedades, novas culturas, novas formas de nos relacionar. Faz desaparecer aquela ânsia de compreensão, e é justo ali onde aparecem os seres podres por dentro e por fora, toda essa quantidade de seres humanos que não estão vigentes, pois depositaram em outros toda sua capaci-

⁵ O feminismo que constrói tal fantasia sobre a lesbianidade, reproduz outra construção machista, ao projetar na lesbianidade as expectativas da feminilidade, da doçura, do bem, esse 'mulherismo' como diria Pisano (onde tudo que é de mulher é bom por ser de mulher), reivindicando a justa construção patriarcal do ser mulher como o ser voltado para o amor e relacionamentos, ser-para-o-Outro. Sem contar a demanda de maternagem, do cuidado como função da apropriação do trabalho reprodutivo da mulher (N.T.).

a cultura vigente está embasada no dor-sofrimento. Carece de reflexão e é aqui onde o sistema nos submete e nos recupera.

Não estivemos re-simbolizando a vida e ainda menos o amor para poder vivê-lo de outra maneira, não temos desentranhadas as projeções de propriedade sobre outra pessoa e para que exista uma outra como propriedade, pois deve existir uma proprietária, uma depositária de nosso sacrifício de nos entregar, e insisto que o sacrifício é uma armadilha e até que não descubramos o trapaceiro que é este sistema sofredor, seguiremos permeadas do sacrifício de uns por outros... e não estaremos saindo de toda hipocrisia antagônica do sistema... Não quero que ninguém se sacrifique por mim nem quero sacrificar-me por ninguém, não creio em mártires, nem em cruzes para construir o respeito humano. Pois recriando casais sacrificados não se constrói o respeito nem individual, nem de casal, nem de coletivo humano e isso é um gesto profundamente político.

É necessário romper nossas necessidades tão profundamente inscritas com argumentos culturais biologicistas de complementaridade, já que estes têm levado a entender o amor somente em sua dimensão reprodutora, protetora e cuidadora do casal heterossexual, tão funcional a um sistema capitalista e neoliberal.

O casal lésbico, que *deveria* romper profundamente esta construção cultural, se enreda muito mais que o casal heterossexual, se enreda e se confunde: por um lado, se mantém em um meio totalmente hostil que faz com que se unam, se protejam, se encerrem a uma na outra como uma condição de sobrevivência e proteção ante o meio.

res, sua cultura, suas proposições de vida, sua própria biografia, e é, precisamente aqui, de onde o patriarcado arma a cilada, *pois a transgressão não consiste de romper o limite da erótica estabelecida, mas sim pensar tal transgressão, desenhar estratégias políticas para que tal transgressão não seja como todas, recuperada.*

Se não nos detivermos a repensar o Casal (o par, a *pareja*) como *a base do clã familiar patriarcal* onde se sistematiza esta sociedade/cultura vigente, onde se aprende o poder sobre as pessoas, o pertencimento de uma à outra como propriedade privada, estaremos repetindo o modelo, ou seja, buscaremos nos casar, legitimar-nos perante o sistema, ter filhos/as, e se não tivermos filhos/as, supriremos a carência com gatos ou cães que serão cuidados como se fossem crianças; no fim, a cadeia não se detém em estabelecer as imitações da família, a família de mentira, que é pior que a família da consanguinidade, e não estou dizendo que não se pode gostar das crianças ou dos animais, senão que não usá-los como suplentes, nem os confundie como tão facilmente fazemos, de tratar as crianças como animais e aos animais como crianças.

O Casal existe porque existe a lógica do domínio e o jogo do casal é o jogo do domínio patriarcal; daí o tópico: "No amor e na guerra tudo se vale": ter serviço secreto, ter cativos, reféns, estratégias, assaltos, traições, planificação de ataque, imolações, derrotas, vitórias, etc. Essas manobras na guerra se disfarçam atrás do halo heróico salvador, o mesmo que no amor. Contudo, no plano amoroso todas essas manobras são pintadas como novelas cor-de-rosa.

Esta cultura não entende nem constrói seres completos e em si mesmos, livres e autônomos, pelo contrário, os confunde, os faz carentes de tal maneira a se verem obrigados/as a se completarem em outro/outra, dependendo

sempre de outra/outro, coisa que além disso as constrói socialmente. Uma pessoa sem necessidade de completar-se em um outro/outra, com projetos e desejos independentes está em desvantagem ante o sistema, ao mesmo tempo que está em completa vantagem sobre si mesma, está com o poder de desenhar sua vida, está na liberdade. Porém, o sistema que está armado para o Casal, sanciona esses gestos libertários pois atentam contra a estrutura social. O sistema está pensado para seres carentes, pois é a massa carente, confundida, a que se pode manejar, em troca um ser completo, em liberdade de pensamento é imaniplável, in-fanatizável, e essa estrutura social está idealizada para sujeitos estáticos. São estes sujeitos estáticos os que fazem inamovíveis as mudanças que necessitamos para criar outra cultura mais horizontal.

O sistema, além disso, está pensado para dois e, também, está pensado para *o casal reprodutivo*, não para indivíduos, nem para sujeitas que se vão modificando no tempo com a vida, senão para sujeitos estáticos e conservados de "a dois". Muito diferente é se falar da liberdade de estar, amar e transitar acompanhada com uma outra, que estacionar-se em uma parceria patriarcalizada com a projeção de "pela vida", que repete o modelo de propriedade privada.

O sistema arma o Casal (matrimônio) de tal maneira que: um tem o poder e o outro o contrapoder, papéis que se invertem temporalmente, mas que fixam os indivíduos na ambição do domínio e lhes embriaga a vida neste jogo de obter esse pequeno poder. Cativa às pessoas com o mandato da segurança que proporciona a fidelidade (vigilância), com a proposta e o anseio por eternidade, com a qual esta construção baseada no amor, termina por encerrar o amor e matá-lo.

Devemos entender que as mulheres não inventamos essa construção *amorosa*, porém somos as mais capturadas nela, esta construção nos instala como as próprias guardiãs da feminilidade, tendo que prestar contas, a ter que nos explicar e justificar: por que olhou, por que não chegou, por que pensou, por que te foi, por que voltou, por que sonhou, por que gritou, por que se rebelou. Os outros modos, os outros ensaios de convivências são invisibilizados e castigados pelo sistema, pois o sistema está sempre vigiante⁴ e temeroso de sua potencial queda.

Como lésbicas, temos uma história gestual e política de vida que vai mais além do relato amoroso vigente. Por isso, submergir-se em uma construção de casal já significada, tem muitos custos, custos de vidas inteiras, do mesmo modo que sair-se das atuais formas de amar com suas fidelidades e lealdades, não sabemos como, também tem custos de vidas inteiras, não sabemos fazê-lo, não há modelos, não há registro, não há rastros – apesar de haver muitos ensaios silenciados -, não temos idéia de como fazê-lo. Com tantas inseguranças, carências e medos com que nos socializam, sofremos tudo, porque somente estando submergidas no drama sentimos que amamos, nos sentimos viver e morrer ao mesmo tempo. O drama captura, impede qualquer reflexão que não passe pelos estados obsessivos da dor, pois

Uma pessoa sem necessidade de completar-se em um outra, com projetos e desejos independentes está em desvantagem ante o sistema, ao mesmo tempo que está em completa vantagem sobre si mesma, está com o poder de desenhar sua vida, está em liberdade.

4 Referência a idéia do panóptico de Michel Foucault, em Vigiar e Punir (N.T.).